

EVERTON MENEZHINI

O PROBLEMA NAS TRANSAÇÕES CORRENTES E A CRISE DE 2008

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Fim de Curso como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Fábio Dória Scatolin.

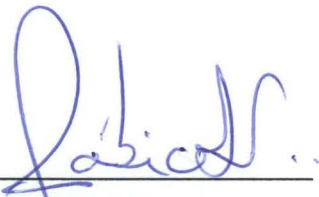
CURITIBA
2009

TERMO DE APROVAÇÃO


EVERTON MENEZHINI

O PROBLEMA NAS TRANSAÇÕES CORRENTES E A CRISE DE 2008

Monografia aprovada como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Fábio Dória Scatolin



Prof. João Basílio Pereira Neto



Prof. Nilson Maciel de Paula

RESUMO

O mundo passou por uma das piores crises do século XX em 2008. Esta crise revelou que nenhuma nação está imune a ela, pois observamos a maior economia do mundo desmoronando devido ao seu grande endividamento. Este endividamento é fruto da política expansionista que o Federal Reserve utilizou para sair de outra crise, a de 2001, e também pela mudança de atitude dos países em desenvolvimento que deixaram de incorrer em déficits constantes e passaram a gerar superávits no saldo das transações correntes, ou seja, os países em desenvolvimento, juntamente com alguns países desenvolvidos, tornaram-se credores mundiais, principalmente dos Estados Unidos e do Reino Unido. Para isto os países em desenvolvimento se utilizaram de suas taxas de câmbio, desvalorizando suas moedas frente ao dólar para estimular as exportações e conseqüentemente seu desenvolvimento econômico. Este trabalho tem por objetivo identificar quais países se encontram em dificuldade e apontar uma nova tendência mundial com relação ao endividamento das nações.

Palavras chaves: Crise. Transações correntes. Endividamento dos Estados Unidos.

ABSTRACT

The world has gone through one of the worst crises of the twentieth century in 2008. This crisis has shown that no nation is immune to it, because we saw the world's largest economy collapsing because of its large debt. This debt is the result of the expansionist policy that the Federal Reserve used to depart another crisis in 2001, and also by a change in attitude of emergent countries that no longer run a deficit constant and began to generate surpluses in current account balance. The emergent countries, along with some developed countries, have become creditors worldwide, mainly the United States and United Kingdom. For that the emergent countries were used in their exchange rates, devaluing their currencies against the dollar to stimulate exports and thus economic development. This study aims to identify which countries are in difficulty and point out a new global trend with respect to the indebtedness of nations.

Key words: Crisis. Current Account Balance. Debt of the United States.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – EQUILÍBRIO INTERNO E EXTERNO E AS QUATRO REGIÕES DE DESCONFORTO ECONÔMICO.....	13
GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO G20 NO PIB MUNDIAL.....	23
GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DO SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS ESTADOS UNIDOS.....	28
GRÁFICO 4 – PARTICIPAÇÃO DA EURO ZONA NO PRODUTO INTERNO BRUTO MUNDIAL.....	35
GRÁFICO 5 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ZONA DO EURO.....	36
GRÁFICO 6 - SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA UNIÃO EUROPÉIA.	37
GRÁFICO 7 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ZONA DO EURO E UNIÃO EUROPÉIA.....	38
GRÁFICO 8 – PRINCIPAIS REGIÕES E OS DESEQUILÍBRIOS DO BP: BRIC, EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS, UNIÃO EUROPÉIA E O G7, EXCLUINDO OS PAÍSES PERTENCENTES À UNIÃO EUROPÉIA.....	39
GRÁFICO 9 - BRI, EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS, UNIÃO EUROPÉIA E O G7 EXCLUINDO OS PAÍSES PERTENCENTES À UNIÃO EUROPÉIA, OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA.....	40
GRÁFICO 10 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA.....	41
GRÁFICO 11 – TAXA DE CÂMBIO CONTRA O DÓLAR AMERICANO.....	42

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DAS QUARENTA E DUAS NAÇÕES QUE COMPÕEM O G20 (DE 1997 A 2008).....	24
TABELA 2 – PIB TOTAL DO G20.....	26
TABELA 3 – RELAÇÃO DÍVIDA/ PIB DO G20.....	26
TABELA 4 – OS SALDOS NA CONTA TRANSAÇÃO CORRENTES DOS SETE PAÍSES MAIS RICOS DO MUNDO.....	29
TABELA 5 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS BRICs.....	30
TABELA 6 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO.....	32
TABELA 7 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES NOS TIGRES ASIÁTICOS.....	33
TABELA 8 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DO REINO UNIDO.....	37
TABELA 9 - SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ALEMANHA.....	38
TABELA 10 – ESTIMATIVAS NOS SALDOS DAS TRANSAÇÕES CORRENTES.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL DE ANÁLISE	10
2.1 EQUILIBRIO INTERNO E EXTERNO	10
2.2 TAXA DE CÂMBIO	11
2.3 TAXA DE CÂMBIO, EQUILIBRIO INTERNO E EXTERNO	12
3 BRETTON WOODS, FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA	15
3.1 COMEÇO DO SISTEMA DE BRETTON WOODS	15
3.2 FIM DO SISTEMA DE BRETTON WOODS	16
3.3 O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E A CRISE FINANCEIRA	17
3.4 GLOBALIZAÇÃO, INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E CRISES MUNDIAIS	20
4 A SITUAÇÃO DAS TRANSAÇÕES CORRENTES APÓS 1997	23
4.1 G20 E AS TRANSAÇÕES CORRENTES	23
4.2 G7 (SETE MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO), PAÍSES EMERENTES, ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS E UNIÃO EUROPÉIA.	27
4.2.1 AS SETE MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO	28
4.2.2 OS PAÍSES EMERENTES E OS BRICS (CHINA, BRASIL, ÍNDIA E RÚSSIA)	30
4.2.3 ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO	31
4.2.4 TIGRES ASIÁTICOS	32
4.2.5 UNIÃO EUROPÉIA E ZONA DO EURO	34
5 O G2 (ESTADOS UNIDOS E CHINA)	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O mundo passou no ano de 2008 por uma crise de proporções inimagináveis. Seu epicentro foi na maior economia do mundo, os Estados Unidos, e a onda de devastação se propagou para todo o mundo capitalista quase que instantaneamente.

Uma crise nestas proporções só foi sentida em 1929. Coincidentemente seu epicentro também foi nos Estados Unidos, porém neste período os demais países capitalistas demoraram um período maior para sentir os reflexos deste acontecimento.

Porém os motivos que levaram a crise de 2008 são bem diferentes dos motivos que levaram a crise de 1929. A primeira década do século XXI é marcada por problemas nas transações correntes de diversos países. Alguns incorrendo em superávits exorbitantes e constantes enquanto outros incorrem em déficits também exorbitantes e constantes.

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar mais a fundo o problema das transações correntes no mundo, mais especificamente nos países responsáveis pelas maiores discrepâncias nos saldos das transações correntes. Estes países são normalmente enquadrados dentro de algum grupo, hora porque fazem fronteira ou por estarem dentro do mesmo continente ou região do globo ou por terem crescimento econômico simultâneo e utilizarem a mesma estratégia de desenvolvimento.

Busca-se traçar um paralelo destes problemas nas transações correntes que os países vêm enfrentando com a crise que ocorreu no ano de 2008, mais especificamente, temos por objetivo analisar como China e Estados Unidos se comportaram e estão se comportando após a crise, haja vista que estes dois países estão diretamente ligados à crise de 2008.

Para iniciar, o capítulo 2 descreve qual será a nossa referência de análise. Com ela faremos uma ponte entre os acontecimentos que levaram a crise e a teoria por trás disto.

Procura-se entender como as taxas de câmbio estão sendo usadas para proteção das nações contra crises e a busca pelo equilíbrio interno e, mais especificamente, o equilíbrio externo.

O capítulo seguinte faz um resumo sobre o período regido pelo acordo de Bretton Woods, porque houve este acordo e como chegou ao fim. Também falaremos sobre Fundo Monetário Internacional e como a globalização mudou o mundo macroeconômico dos países.

A partir do capítulo 4 começamos a analisar com maior atenção os saldos nas transações correntes de diversos países. Iniciamos pelo G20 e depois partiremos para análise de diversos blocos de países, entre eles a União Européia, os emergentes pertencentes aos BRICs, os Tigres Asiáticos, os países exportadores de petróleo e as sete maiores economias do mundo.

No capítulo 5 analisamos as duas grandes nações responsáveis pela maior discrepância nos saldos das transações correntes a mais de uma década, são eles: China e Estados Unidos.

Aqui está o ponto central deste trabalho, pois estas duas nações, após a crise de 2008, começaram a traçar metas conjuntas com relação a medidas a serem tomadas pelas duas nações para resolver os problemas que ocasionaram a crise de 2008.

Com certeza não será fácil chegar num consenso, haja vista que ambos têm interesses distintos.

Por fim, no capítulo 6 será concluído o nosso trabalho.

2 REFERENCIAL DE ANÁLISE

Durante boa parte do século XX os países vêm buscando o pleno emprego, com os preços controlados e equilíbrio no saldo das transações correntes. A questão é: como conseguir tudo isto ao mesmo tempo no mundo atual?

Nossa análise visa identificar como os países vêm se comportando na busca do equilíbrio externo atualmente, mais precisamente após a grande crise asiática de 1997 e como as taxas de câmbio estão sendo utilizadas pelos países. Este capítulo fará uma análise sobre como a taxa de câmbio é utilizada para se alcançar o equilíbrio interno e externo das nações.

2.1 EQUILIBRIO INTERNO E EXTERNO

Ao longo dos anos os países vêm buscando estas duas máximas da economia, tanto o equilíbrio interno como o externo, porém na prática isto não é muito fácil.

Primeiramente iremos analisar o equilíbrio interno.

O equilíbrio interno consiste na busca do país pelo pleno emprego e estabilidade do nível de preços, ou seja, como diz Krugman e Obstfeld, o equilíbrio interno ocorre quando “os recursos produtivos de um país estão plenamente empregado e seu nível de preço está estável”. (Krugman; Obstfeld, 2007, p. 398). Já para Salvatore o “equilíbrio interno se refere ao pleno emprego ou uma taxa de desemprego não superior a, digamos, 5% ao ano e uma taxa de inflação de não mais que 2% ou 3% ao ano”. (Salvatore, 2000, p. 331)

O equilíbrio externo não é tão fácil de definir, mas em linhas gerais podemos dizer que um país encontra-se em equilíbrio externo quando este está em equilíbrio na conta transações correntes. Veremos que isto é muito difícil de ocorrer, portanto é

tolerável tanto um déficit ou superávit, desde que não sejam exorbitantes e por um longo período.

Dominick Salvatore (2000, p.331) considera que:

O equilíbrio externo diz respeito ao equilíbrio na balança de pagamentos (ou a um desequilíbrio temporário desejado, tal como um superávit que a nação deseja alcançar para restabelecer as suas reservas internacionais esgotadas).

Devemos ressaltar que déficits excessivos em transações correntes significam que a economia do país “está recebendo empréstimos estrangeiros” para cobertura do déficit e que o governo necessitará restabelecer o equilíbrio externo mudando o rumo da economia. (Krugman; Obstfeld, 2007, p. 400)

Superávit excessivo também não é visto com “bons olhos”. Isto sinaliza empréstimos externos excessivos. No futuro o país corre o risco de não receber estes empréstimos ou até mesmo sofrer medidas protecionistas das nações parceiras no comércio que estão incorrendo em déficit.

Mas a melhor definição de equilíbrio externo é a de Krugman/Obstfeld (2007, p.400), pois eles definem que:

O equilíbrio externo a que a política econômica visa é um nível de transações correntes que permita a obtenção de ganhos mais importantes do comércio, sem o risco dos problemas discutidos. Como os governos não sabem exatamente qual é esse nível das transações correntes, em geral, evitam grandes déficits ou superávits, a não ser que existam claras perspectivas de grandes ganhos pelo comércio intertemporal.

Todas estas mudanças afetam diretamente a taxa de câmbio das nações e é aqui que devemos ter a maior atenção. Mas para melhor análise iremos definir o que é a taxa de câmbio.

2.2 TAXA DE CÂMBIO

A taxa de câmbio é o preço de uma unidade monetária de uma moeda em unidades monetárias de outra moeda. Nós utilizamos a taxa de câmbio para determinarmos qual é o valor dos bens estrangeiros em relação a nossa moeda, ou seja, se convertemos o preço de um determinado bem estrangeiro para nossa moeda e chegarmos ao resultado que o bem estrangeiro é mais barato que o produzido internamente, seríamos levados a comprar o bem estrangeiro ao invés do nacional.

A taxa de câmbio real, definida como “e”, é definida pelo preço do bem interno, P, multiplicado pela taxa de câmbio nominal “E”, e então, dividindo pelo preço do bem estrangeiro, P*. A forma é mais bem demonstrada como:

$$e = \frac{EP}{P^*}$$

A taxa de câmbio real “entre as moedas de dois países é uma média ampla, que resume a relação entre os preços dos bens e serviços de dois países”. (Krugman; Obstfeld, 2007, p.306). A taxa de câmbio nominal é denominada “como o preço da moeda nacional em termos da moeda estrangeira”. (Blanchard, 2007, p.354)

A diferença entre as duas taxas de câmbio é que a taxa de câmbio real é um número-índice, ou seja, “seu nível é arbitrário e, por isso, não traz informações. Isso ocorre porque os deflatores do PIB utilizados na obtenção da taxa real de câmbio são números-índices para qualquer ano escolhido como ano-base”. (Blanchard, 2007, p.356)

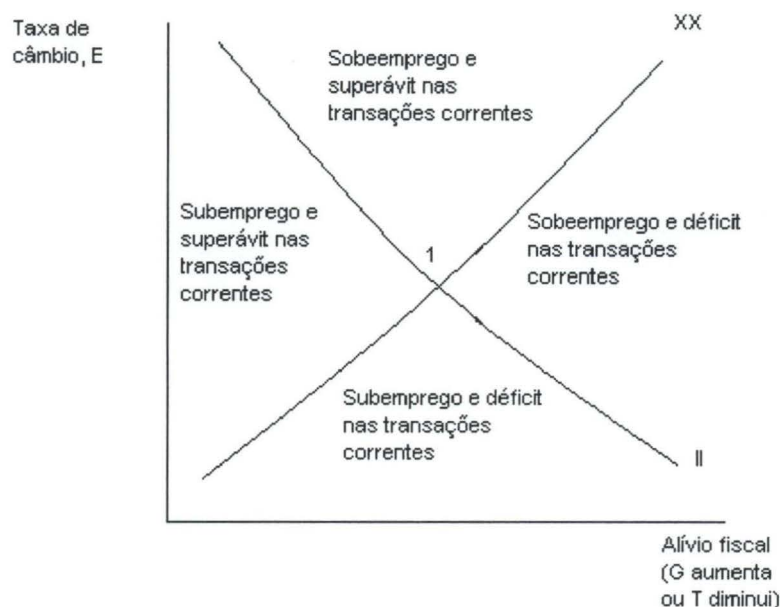
2.3 TAXA DE CÂMBIO, EQUILÍBRIO INTERNO E EXTERNO

Estes três componentes estão inteiramente ligados e cabe aqui uma análise de como o equilíbrio é buscado pelas nações.

Para se manter em equilíbrio os países buscam uma taxa de câmbio que não gere déficits ou superávits exorbitantes ao longo dos anos e que possa levar ao pleno emprego. Assim não haveria pressões inflacionárias.

Este ponto de equilíbrio é bem representado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – EQUILÍBRIO INTERNO E EXTERNO E AS QUATRO REGIÕES DE DESCONFORTO ECONÔMICO.



FONTE: Krugman; Obstfeld

Nesta análise considera-se E o preço do dólar na moeda doméstica e como a análise é no curto prazo os níveis de preço local e estrangeiro são fixos.

A curva XX está relacionada ao equilíbrio externo. “Para manter as transações correntes em X à medida que a moeda é desvalorizada (isto é, à medida que E aumenta), o governo deve expandir seus gastos ou diminuir tributos”. (Krugman; Obstfeld, 2007, p.413)

A curva XX mostra quanto de expansão fiscal é necessário para manter o superávit nas transações correntes em X, à medida que a moeda é desvalorizada em certo montante, ou seja, caso E aumente as exportações líquidas também aumentarão, com isto as transações correntes estarão em superávit ao nível visado, acima de XX. O nosso raciocínio é o contrário caso E diminua.

Com relação à curva II, que está relacionada ao equilíbrio interno, ela “indica combinações das taxas de câmbio e da política fiscal que mantêm o produto constante e, portanto, mantêm o equilíbrio interno”. (Krugman; Obstfeld, 2007, p.412)

Esta curva II mostra como a atitude fiscal deve mudar conforme E muda, a fim de se obter o pleno emprego. À direita de II há inflação devido aos fatores produtivos da economia estar sendo sobreempregados, ou seja, a política fiscal é mais expansionista neste caso. Por outro lado, a esquerda da curva II a política fiscal é restritiva e ocorre o desemprego.

Este diagrama é dividido em quatro regiões. Estas regiões são chamadas zonas de desconforto econômico. Uma vez o país se encontrando em alguma destas zonas, cabe a ele tomar medidas para voltar ao ponto de equilíbrio que se encontra no ponto 1.

Caso a nação esteja longe do ponto de equilíbrio é necessário tomar medidas conjuntas, ou seja, tanto políticas de mudanças de gastos que altera o nível de demanda total da economia por bens e serviços, como políticas de troca de gastos que muda a direção da demanda, deslocando-se entre o produto doméstico e as importações. (Krugman; Obstfeld, 2007, p.413)

3 BRETTON WOODS, FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA

Este capítulo é destinado a um breve relato histórico sobre o início e fim do acordo de Bretton Woods, a criação do Fundo Monetário Internacional como fornecedor de empréstimo em última instância e como a globalização influenciou a economia.

3.1 COMEÇO DO SISTEMA DE BRETTON WOODS

O acordo de Bretton Woods foi assinado ao fim da Segunda Guerra Mundial, onde os países aliados se reuniram em New Hampshire para traçar as diretrizes da economia mundial, procurando evitar com isto uma nova crise mundial semelhante a que ocorreu no período entre as duas grandes guerras.

Em linhas gerais, o sistema de Bretton Woods estabelecia taxas de câmbio fixas em relação ao dólar americano, um preço de ouro em dólar invariável de US\$ 35 por onça e a criação do Fundo Monetário Internacional.

Sendo o preço do ouro um valor fixo em dólares os países poderiam manter como reservas cambiais tanto ouro como dólares evitando assim um grande fluxo de moeda e ouro entre os países.

Para que o sistema funcionasse necessitava-se de um país que garantisse este conversão e neste caso havia os Estados Unidos da América, o maior vitorioso da guerra, pois não houve conflitos em seu território e foi o maior fornecedor para os países europeus. Com isto sua economia não parou de crescer e ao final da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos possuíam boa parte das reservas mundiais de ouro do mundo.

Porém muitos países se utilizavam da desvalorização da taxa de câmbio para manter suas economias aquecidas e esta fixação da taxa de câmbio inviabilizava

qualquer possibilidade de se utilizar a política monetária como instrumento para impulsionar a economia local.

Mas todos também concordavam que as taxas de câmbio flutuantes poderiam provocar instabilidades na economia, prejudicando o comércio internacional.

Então fica a pergunta, que incentivo os países teriam para não quebrar as regras do acordo de Bretton Woods quando não se encontrassem em equilíbrio interno ou externo?

Para não haver quebra nas regras foi criado o Fundo Monetário Internacional. Cabia a ele analisar a situação do país membro que estava em dificuldades e caso fosse necessário seria emprestado dinheiro para superar eventual crise. Além disto, devemos ressaltar as paridades ajustáveis. Mesmo a taxa de câmbio sendo fixa ao dólar neste período, havia uma maneira de se valorizar ou desvalorizar a moeda em relação ao dólar, e para que isto ocorresse era necessário o aval do Fundo Monetário Internacional, ou seja, uma vez identificado que o país estava em desequilíbrio fundamental em sua balança de pagamentos, o Fundo Monetário Internacional autorizava que o país ajustasse sua taxa de câmbio para sanar tais problemas. Criou-se um incentivo para que as nações que assinaram o acordo de Bretton Woods não quebrassem as regras do jogo.

O acordo de Bretton Woods foi responsável por uma calma na economia global ao longo de mais de 25 anos, "pois entre 1945 e 1971, houve apenas trinta e oito crises ao todo." (Wolf, 2008, p.34)

Porém este sistema entra em crise. Vários países começaram a sofrer ataques especulativos, devido às altas taxas de inflação e também ao aumento nos gastos do governo americano com a Guerra no Vietnã.

3.2 FIM DO SISTEMA DE BRETTON WODDS

Os Estados Unidos da América era o país que deveria garantir a paridade dólar/ouro, e um aumento nos gastos levaria à desvalorização do dólar. Junte-se a isto o fato da inflação ter voltado a assolar boa parte dos países capitalistas. Tudo isto levou

os especuladores a comprar ouro e outras moedas européias, como por exemplo, o marco alemão que estava valorizado em relação ao dólar, para evitar perdas que ocorreriam devido a uma desvalorização da moeda americana frente ao ouro, o que acaba por acontecer.

Os ataques à moeda americana levaram vários países a deixarem suas moedas flutuarem em relação ao dólar, pois os Bancos Centrais já não possuíam mais ferramentas para evitar a valorização de suas moedas.

Com isto começa a fase do câmbio flutuante. Esta fase é marcada por um grande desenvolvimento econômico, porém, também por diversas crises em todos os cantos do planeta. Nunca ocorreram tantas crises econômicas como após o fim de Bretton Woods e com certeza o câmbio flutuante foi um dos grandes responsáveis por isto. O Banco Mundial estimou que mais de cento e doze crises bancárias ocorreram em noventa e três países, entre fins da década de 1970 a fins do século XX. Outro estudo, realizado por Barry Eichengreen e Michael Bordo, contou noventa e cinco crises nas economias de mercados emergentes e outras quarenta e quatro em países desenvolvidos entre 1973 e 1997. (Wolf, 2008, p.34)

Junto com o fim do sistema de Bretton Woods e a volta das taxas de câmbio flutuantes ocorre também a liberalização financeira. Este fato marca uma nova era, pois faz com que os economistas não consigam avaliar as dificuldades que poderia afligir os sistemas financeiros liberalizados, em especial ao tomar empréstimos em moeda estrangeira. Tampouco consideram como os empréstimos em moeda estrangeira, feitos pelo setor privado, poderiam gerar falências em massa. Ou o que é mais importante, os economistas não souberam estimar até que ponto essas interações comprometeriam a liberdade dos governos de manejar a política monetária.

O próprio Fundo Monetário Internacional em si era muito mais forte em macroeconomia do que em finanças.

3.3 O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E A CRISE FINANCEIRA

Durante muitos anos se tem discutido se deve haver um prestador de última instância na economia mundial. Para alguns a figura do garantidor do empréstimo

prejudica a economia, haja vista que abre o pressuposto dos agentes econômicos não agirem de forma a evitar crises, pois sabem que serão socorridos nestes momentos, ou seja, os agentes econômicos trabalhariam para obter cada vez mais lucros sem se preocupar com as conseqüências de seus atos.

Como bem diz Charles P. Kindleberger (2000, p.209) em seu livro:

O paradoxo é equivalente ao dilema de um prisioneiro. Os Bancos centrais devem agir de um modo (emprestando dinheiro) para interromper o pânico, mas de outro (deixando o mercado a sua própria sorte) para melhorar as chances de prever pânicos futuros. As ações do presente inevitavelmente dominam as contingências. O hoje vence o amanhã.

Esta questão é discutida há mais de dois séculos e durante muito tempo não houve a figura do prestador de última instância, porém os bancos centrais, governos, os bancos privados e até mesmo o Rei, como aconteceu na Prússia em 1763, tem interesse em conter os momentos de pânico, pois sabe que todos serão afetados em momentos de crises, independente de sua situação econômica. (Kindleberger, 2000, p.213)

Nos Estados Unidos da América o Tesouro foi o responsável por socorrer os bancos, "aceitando recibos alfandegários em notas promissórias pré-datadas para trintas dias (1792), através de depósitos especiais de fundos governamentais em bancos com problemas." (Kindleberger, 2000, p.214)

Para Charles P. Kindleberger (2000, p.218) a falta da figura do prestador de última instância é necessária para o bem da economia, conforme citação abaixo:

Alguma ambigüidade sobre em quem deve recair a responsabilidade final pode ser útil, na medida que comunica uma maior incerteza ao mercado e, ao fazê-lo considerar esse aspecto, o torna mais autoconfiante – desde que essa incerteza não seja tanta, a ponto de desorientar o mercado.

O fornecedor de empréstimo em último recurso se depara com alguns dilemas e deve tomar decisões, hora fáceis, como descontar ou não letras do governo, hora difíceis, como tomar ou não garantias duvidosas de bancos abalados.

Além disto, deve saber qual o momento exato e quanto deve ser emprestado, ou seja, qualquer medida fora destes parâmetros pode agravar mais ainda uma crise já instaurada.

Concordamos que isto é algo difícil de determinar e apenas a experiência em acontecimentos passados pode nos levar, a saber, qual o momento exato para intervir na economia e qual a quantia que deve ser inserida para acalmar o mercado.

Devemos ressaltar que até aqui apenas analisamos acontecimento do século XVIII, onde as crises não tinham tanta influência do mercado financeiro e a atuação dos fornecedores de empréstimo em último recurso era mais restrita a região da crise. Mas o que queremos entender é como atuou, e se atuou, o fornecedor de empréstimo em última instância na crise mais recente do capitalismo no ano de 2008?

A figura do fornecedor de empréstimo em última instância passa a ser mais palpável após o acordo de Bretton Woods quando é criado o Fundo Monetário Internacional.

O Fundo Monetário Internacional foi criado com o objetivo de “financiar déficits em contas correntes, dentro de limites moderados. Fluxos de moedas eram deixados para ser controlados pelo capital.” (Kindleberger, 2000, p.250)

Limites estreitos foram fixados por cotas, divididos em quatro partes, sendo que apenas uma poderia ser usada em determinado ano. A partir deste momento havia uma instituição, com recursos financeiros fornecidos pelos seus membros, que tinha o poder de auxiliar os países membros que estavam em crises a solucionar seus problemas econômicos. Podemos dizer que o Fundo Monetário Internacional é o primeiro financiador de empréstimos em última instância internacional. Antes dele não havia uma instituição com esta abrangência.

Mas a pergunta é: como o Fundo Monetário Internacional agiu na crise de 2008? A Instituição foi capaz de tranquilizar o mercado no momento de pânico?

A verdade é que o financiador de empréstimo em última instância não foi capaz de tranquilizar o mercado, ao contrário, muitas vezes causou mais turbulência com declarações pessimistas que levavam as economias do mundo todo a derreterem devido ao pânico que já estava instaurado.

Em seu artigo intitulado “Bretton Woods II: vital e difícil”, Martin Wolf esclarece que a quantidade de dinheiro que o Fundo Monetário Internacional detinha no momento da crise era de US\$ 260 bilhões, um valor considerado insignificante perto das reservas que os países emergentes detinham que era de US\$ 5,5 trilhões, isto em novembro de 2008, ou seja, em momentos de paralisação repentina de afluxo de capital ou pânico na economia o Fundo Monetário Internacional não detém reservas suficientes para sinalizar ao mercado em pânico que a calma está próxima.

Esta quantidade exorbitante de reservas internacionais é decorrência do aumento de transações comerciais pelo mundo. Nos anos 90 a movimentação mundial atingiu US\$ 1 trilhão diários, e o “Banco de Compensações Internacionais estimou oficialmente que em abril de 1992 uma pesquisa de 26 bancos centrais registrou uma média de US\$ 880 milhões por dia útil.” (Kindleberger, 2000, p.251)

Junte-se a isto o fato dos países emergentes terem aprendido com os erros do passado, quando o crescimento econômico era interrompido por crises externas em decorrência de falta de reservas e alto endividamento externo.

Estes fatos nos levam a concluir que o Fundo Monetário Internacional tem hoje um papel secundário na economia mundial, muito diferente do idealizado em New Hampshire.

Os países emergentes e em desenvolvimento adotaram medidas econômicas para manter suas moedas desvalorizadas para manter suas economias aquecidas, voltada para o mercado externo. Com isto houve uma grande entrada de dólares em suas economias e para manter a taxa de câmbio desvalorizada frente ao dólar os Bancos Centrais trabalham comprando dólar no mercado financeiro, construindo assim uma barreira de dinheiro contra as crises.

O que podemos responder é que o Fundo Monetário Internacional não conseguiu conter uma crise como a ocorrida em 2008 e, muito provavelmente, haja vista que as crises ganharam proporções mundiais, devido à interligação econômica existente, necessitando assim de uma série de medidas adotado por diversos países em conjunto.

3.4 GLOBALIZAÇÃO, INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E CRISES MUNDIAIS

Podemos dizer que as inovações tecnológicas e a globalização contribuíram muito para o aumento do número de crises de proporções mundiais que ocorreram após o fim de Bretton Woods.

A expressão “o dinheiro não dorme” nunca foi tão bem empregada como agora. O mesmo dinheiro que está em Wall Street ao meio dia migrará para o Japão, China ou

qualquer lugar do mundo em questão de segundos, apenas necessitando de um toque no teclado, explorando assim as oportunidades existentes e se multiplicando em uma velocidade nunca antes imaginada. As inovações tecnológicas fizeram com que o dinheiro não necessitasse sair dos cofres, é o chamado dinheiro eletrônico. Esta transformação tecnológica usada para operações financeiras e no mercado financeiro é baseada em três categorias de tecnologia: computadores, CHIPS e satélites. (Strange, 1998, p.24)

Com os computadores foi criado o dinheiro eletrônico. Com eles a forma com que os pagamentos eram feitos foi alterada. Por exemplo, há 25 anos atrás era inimaginável fazer transferências bancárias sem ter que sair de sua casa, ou usar o cartão de crédito para o pagamentos de suas contas. Agora, milhões são movimentados todos os dias por grandes bancos e pessoas comuns sem terem que se deslocar de seus aposentos.

O CHIPS (Clearing House Interbank Payments System) foi utilizado primeiramente em computadores no começo da década de 70. A partir de 1995 houve um grande crescimento na utilização deste sistema entre bancos americanos e estrangeiros, assim os bancos podiam observar cerca de 200.000 transações por dia que movimentavam aproximadamente US\$ 1,3 trilhões. (Strange, 1998, p.24)

Com este sistema qualquer banco interligado poderia a qualquer momento do dia verificar a situação financeira de qualquer outro banco participante, e isto dava a chance de atrasar ou suspender pagamentos a algum banco que se encontrava em situação econômica ruim. Não é mais necessário esperar as notícias dos jornais para saber se algum banco está em situação financeira ruim, basta olhar no computador. Claramente, aqui verificamos computadores se comunicando com computadores.

Por último, mas não menos importante, está o satélite artificial. A comunicação está cada vez mais rápida devido aos satélites lançados pelo homem ao espaço. Com eles um acontecimento que está ocorrendo no Japão é transmitido ao vivo para todo o mundo. Esta agilidade para levar a notícia a todos no momento em que elas ocorrem também é utilizada para se obter lucros com especulação. Hoje, qualquer sinal de desaquecimento da economia ou falência de algum grande banco gera turbulências quase que instantaneamente. Estas turbulências se originam devido à debandada do

capital financeiro. Estes são os primeiros a saírem, realizando lucros e deixando um rastro de destruição na economia do país, ou países, atingidos. Cada vez mais se investe em tecnologia para diminuir custos e agilizar as transações. Nunca se buscou tanto ter informações antes dos outros players como agora, pois quem às detém pode explorar lucros ainda não explorados pelo mercado.

Após este breve relato histórico, nós focaremos nosso trabalho em como os saldos nas transações correntes dos países vem se comportando.

Começaremos a analisar o G20 após a crise asiática ocorrida em 1997.

4 A SITUAÇÃO DAS TRANSAÇÕES CORRENTES APÓS 1997

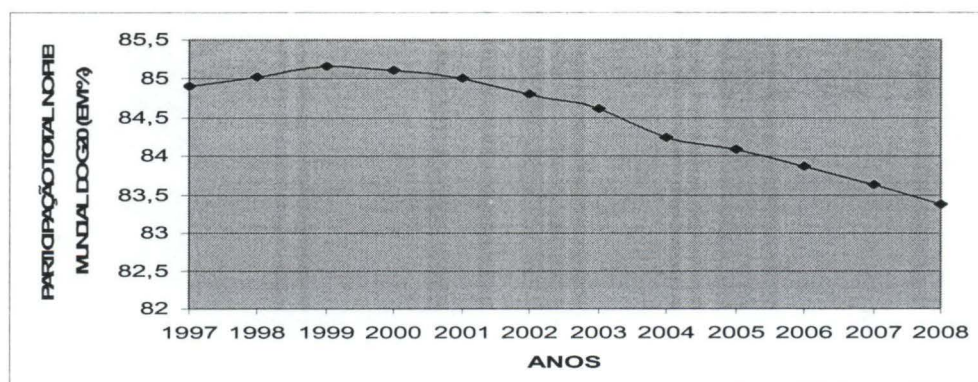
Neste capítulo focamos nossa análise nos saldos das transações correntes de diversas nações, porém analisaremos os países em blocos e não de forma individual, para que possamos identificar mais claramente quais nações se encontram em déficits e quem as está financiando.

4.1 G20 E AS TRANSAÇÕES CORRENTES

Escolhemos o ano de 1997 como início de nossa análise porque neste ano ocorreu a crise asiática e em 2001 novamente o mundo passa por outra crise de proporções mundiais, a crise americana das *ponto.com*. Após estas duas grandes crises tivemos um período de grande crescimento econômico, quase que no mundo todo, sem abalos até o ano de 2008.

Começamos a analisar a situação das transações correntes do G20, pois eles representam mais de 80% do Produto Interno Bruto Mundial, como mostra o gráfico a seguir.

GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO G20 NO PIB MUNDIAL.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Antes de qualquer coisa devemos deixar bem claro quem está inserido no G20. Ao contrário do que o próprio nome pode indicar o G20 é composto por dezenove nações mais o representante da União Européia, ou seja, o G20 engloba muito mais do que 20 nações.

Para uma melhor análise devemos observar os dados de todos os países que compõem este grupo e por este motivo demonstraremos dados de quarenta e duas nações, são elas: África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coréia do Sul, Índia, Indonésia, Japão, México, Rússia, Turquia e Estados Unidos que representam o bloco do G20. Junto a eles estão: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Holanda, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia que representam a União Européia.

Ressaltamos que para não haver duplicidade no cálculo retiramos do bloco G20 os seguintes países: Alemanha, França, e Reino Unido uma vez que eles são incluídos novamente na União Européia.

Como estas nações reunidas equivalem a mais de 80% do Produto Interno Bruto mundial deduzimos que o somatório dos saldos nas transações correntes deve se aproximar de zero, haja vista que o mundo é uma economia fechada e as contas devem fechar em equilíbrio. Este fato é demonstrado na tabela a seguir que inclui os saldos das quarenta e duas nações citadas, além do somatório, ao final, de todos os saldos nas transações correntes.

TABELA 1 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DAS QUARENTA E DUAS NAÇÕES QUE COMPÕEM O G20 (DE 1997 A 2008) EM US\$ BILHÕES.

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Argentina	-12,12	-14,47	-11,91	-8,96	-3,78	8,72	8,07	3,12	3,02	4,87	4,29	4,43
Austrália	-11,93	-17,82	-21,41	-14,85	-7,20	-15,46	-28,21	-38,91	-41,16	-40,15	-57,31	-46,61
Austria	-5,03	-3,40	-3,45	-1,41	-1,57	5,55	4,28	6,02	6,12	9,11	11,53	14,45
Belgica	13,84	13,26	20,07	9,39	7,90	11,73	12,84	12,63	9,79	10,59	7,77	-12,89
Brasil	-30,45	-33,42	-25,34	-24,23	-23,22	-7,64	4,18	11,68	13,99	13,64	1,55	-28,19
Bulgaria	0,43	-0,06	-0,65	-0,70	-0,77	-0,38	-1,10	-1,63	-3,37	-5,84	-9,96	-12,71
Canadá	-8,23	-7,66	1,73	19,71	16,21	12,60	10,46	22,93	21,38	17,93	14,53	7,61
China	36,96	31,47	15,67	20,52	17,41	35,42	45,88	68,66	160,82	253,27	371,83	426,11
Chipre	-0,37	0,26	-0,16	-0,49	-0,32	-0,39	-0,30	-0,79	-0,99	-1,28	-2,52	-4,57
República Checa	-3,62	-1,31	-1,46	-2,69	-3,27	-4,26	-5,79	-5,75	-1,66	-3,64	-5,48	-6,67
Dinamarca	1,04	-1,49	3,33	2,25	5,03	4,32	7,33	7,47	11,20	7,90	2,20	3,36
Estônia	-0,56	-0,48	-0,25	-0,31	-0,32	-0,78	-1,11	-1,36	-1,39	-2,81	-3,81	-2,19
Finlândia	6,86	7,29	7,76	9,91	10,73	11,99	8,50	12,39	7,10	9,48	10,22	6,45
França	39,69	39,87	45,33	21,37	24,60	17,95	14,74	12,48	-9,09	-11,56	-25,88	-64,78
Alemanha	-10,01	-16,33	-26,86	-32,56	0,38	40,59	46,29	127,92	143,81	178,84	250,26	235,26
Grecia	-4,86	-3,68	-7,30	-9,82	-9,40	-9,58	-12,80	-13,48	-17,87	-29,71	-44,40	-51,57
Hungria	-2,05	-3,40	-3,76	-4,01	-3,20	-4,64	-6,70	-8,59	-8,29	-8,53	-9,05	-13,10
Índia	-3,00	-6,90	-3,23	-4,60	1,41	7,06	8,77	0,78	-10,29	-9,30	-11,29	-26,62
Indonésia	-3,80	4,00	5,75	7,99	6,90	7,82	8,11	1,57	0,28	10,86	10,50	0,28
Irlanda	2,35	0,70	0,24	-0,35	-0,68	-1,22	0,00	-1,08	-7,09	-7,92	-13,88	-13,89
Italia	33,77	19,79	8,21	-5,86	-0,64	-9,48	-19,61	-16,21	-29,43	-48,35	-51,21	-78,81
Japão	96,55	119,07	114,53	119,61	87,79	112,61	136,24	172,07	165,69	170,44	210,97	157,08
Coréia do Sul	-8,29	40,37	24,52	12,25	8,03	5,39	11,95	28,17	14,98	5,39	5,88	-6,41
Letônia	-0,29	-0,60	-0,65	-0,37	-0,63	-0,62	-0,92	-1,76	-1,99	-4,52	-6,23	-4,30
Lituânia	-0,78	-1,30	-1,19	-0,68	-0,57	-0,73	-1,28	-1,72	-1,83	-3,22	-5,69	-5,48
Luxemburgo	1,84	1,65	2,27	2,69	1,77	2,39	2,38	4,05	4,14	4,45	4,90	4,98
Malta	-0,22	-0,23	-0,14	-0,49	-0,15	0,10	-0,16	-0,34	-0,52	-0,60	-0,52	-0,47
México	-7,67	-15,99	-13,95	-18,69	-17,71	-14,13	-7,19	-5,17	-4,37	-4,38	-8,33	-15,73
Holanda	25,07	12,97	15,64	7,25	9,77	10,94	29,57	45,90	46,43	63,28	59,60	65,75
Polonia	-5,74	-6,90	-12,49	-9,98	-5,38	-5,01	-4,60	-10,12	-3,71	-9,20	-20,10	-28,92
Portugal	-6,54	-8,37	-10,31	-11,57	-11,47	-10,35	-9,56	-13,58	-17,61	-19,58	-21,07	-29,68
Romenia	-1,91	-2,99	-1,47	-1,38	-2,23	-1,53	-3,46	-6,34	-8,81	-12,75	-22,90	-24,89
Russia	-0,08	0,22	24,62	46,84	33,94	29,12	35,41	59,51	84,44	94,34	77,01	102,40
Arabia Saudita	0,31	-13,15	0,41	14,34	9,37	11,89	28,09	52,10	90,11	99,07	93,45	134,23
República Slovaca	-1,83	-1,98	-0,98	-0,71	-1,75	-1,93	-1,98	-3,30	-4,07	-3,93	-4,01	-6,22
Eslovênia	0,07	-0,16	-0,88	-0,63	0,04	0,25	-0,23	-0,90	-0,62	-0,97	-1,99	-3,02
África do Sul	-2,22	-2,37	-0,68	-0,17	0,33	0,92	-1,81	-6,92	-9,77	-16,28	-20,71	-20,50
Espanha	-0,51	-7,07	-18,10	-23,05	-24,02	-22,44	-31,07	-54,91	-83,29	-110,89	-144,44	-153,67
Suécia	10,33	9,67	10,59	9,86	9,78	12,45	22,36	24,10	25,48	33,75	39,05	37,28
Turquia	-2,64	2,15	-0,93	-9,92	3,76	-0,63	-7,52	-14,43	-22,14	-31,89	-37,68	-41,29
Reino Unido	-1,58	-5,27	-35,37	-39,10	-30,39	-28,01	-29,92	-45,64	-59,78	-80,79	-75,48	-46,46
Estdos Unidos	-140,40	-213,53	-299,82	-417,43	-398,27	-459,15	-521,53	-631,13	-748,69	-803,55	-726,57	-706,07
Total	-7,61	-87,57	-202,05	-341,03	-291,78	-248,59	-251,42	-210,50	-289,07	-284,42	-154,96	-256,03

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Como podemos observar estes países juntos estão em déficit, porém nada para se preocupar, pois o déficit é muito pequeno em comparação ao Produto Interno Bruto somado de todas as nações citadas, como podemos ver na próxima tabela.

TABELA 2 – PIB TOTAL DO G20 EM US\$ BILHÕES

Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
PIB total	27.191,37	27.099,22	28.208,32	29.001,44	28.808,71	29.998,80	33.784,67	37.892,85	40.681,38	43.707,51	48.930,38	53.366,43

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Se compararmos, por exemplo, no ano de 2007 quando o déficit foi de US\$ 154,96 bilhões negativos com o Produto Interno Bruto acumulado que foi de US\$ 48.930,38 trilhões verificaremos que o déficit chega apenas a -0,0032 do Produto Interno Bruto ou 0,32% negativos, isto indica que as contas estão próximas de fechar.

Pode-se observar este dado na tabela a seguir que nos traz toda a relação dívida/PIB do G20.

TABELA 3 – RELAÇÃO DÍVIDA/ PIB DO G20 EM US\$ BILHÕES

Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
PIB total	27.191,37	27.099,22	28.208,32	29.001,44	28.808,71	29.998,80	33.784,67	37.892,85	40.681,38	43.707,51	48.930,38	53.366,43
Saldos nas T. C.	-7,61	-87,57	-202,05	-341,03	-291,78	-248,59	-251,42	-210,50	-289,07	-284,42	-154,96	-256,03
Dívida/PIB	-0,0003	-0,0032	-0,0072	-0,0118	-0,0101	-0,0083	-0,0074	-0,0056	-0,0071	-0,0065	-0,0032	-0,0048

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Deve-se ressaltar que nesta lista de países está fora a maioria dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e boa parte dos países do leste asiático, os chamados tigres asiáticos. Estes países normalmente incorrem em superávits nos saldos das transações correntes, os primeiros devido ao fornecimento de petróleo, e os tigres asiáticos devido à política voltada para as exportações, em sua grande maioria produtos com alto valor agregado, normalmente produtos eletroeletrônicos.

Porém analisar os dados apenas pelo somatório nos faz ter uma visão errada dos problemas que estão ocorrendo nas transações correntes dos países, como bem apontado por Bem Bernank, presidente do Federal Reserve. Para ele está ocorrendo no mundo uma superabundância de poupança. (Wolf, 2008, p.60)

Este fato é mais bem identificado quando analisamos as situações de alguns países. Basta observar como os Estados Unidos, Itália e Reino Unido estão incorrendo em déficits recorrentes e crescentes, ano após ano, em contraste com países como Alemanha, Arábia Saudita, China, Japão e Rússia que vem tendo superávits crescentes.

Mas mesmo este fato não explica como chegamos à crise de 2008, haja vista que sempre haverá países deficitários e superavitários. O fato a ser ressaltado é quanto um, ou mais países, estão se endividando, pois há um limite para isto.

Devido à globalização da economia, caso ocorra à falência de alguma nação citada como deficitária, as consequências seriam catastróficas. Foi o que ocorreu em 2008 quando a maior potência do mundo entra em crise devido ao seu alto endividamento externo, levando abaixo quase todo o mundo capitalista.

Para uma melhor compreensão da crise começaremos a analisar o problema das transações correntes de uma forma mais segmentada, observando as transações correntes de blocos econômicos, como por exemplo, os países emergentes. Assim poderemos identificar quais países estão com dificuldades.

4.2 G7 (SETE MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO), PAÍSES EMERGENTES, ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS E UNIÃO EUROPÉIA.

Mesmo observando os dados dos saldos nas transações correntes do G20, não podemos ainda estabelecer uma relação definitiva com o problema da abundância de poupança que se formou no mundo e que nos levou a crise de 2008.

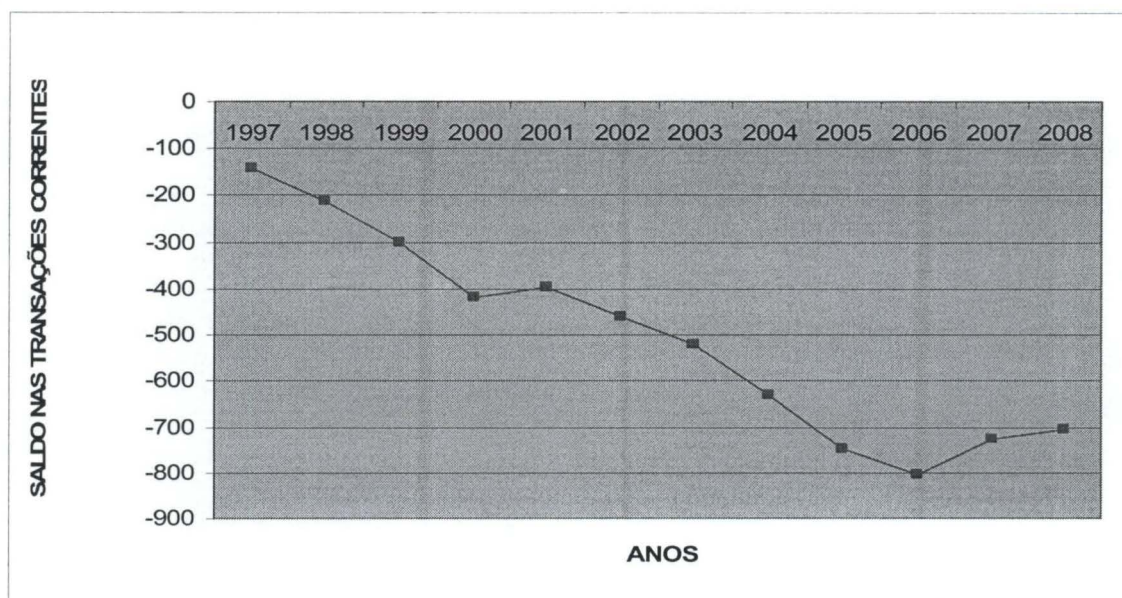
Passaremos a analisar os dados em grupos menores como o G7, os BRICs, os Tigres asiáticos, os países exportadores de petróleo, a Zona do Euro e a União Européia.

4.2.1 AS SETE MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO

A nossa análise começa pelos sete países mais ricos do mundo, são eles: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido.

É, com certeza, o grupo que se encontra em pior situação com relação ao saldo nas transações correntes. Não porque todos os países estão em situação ruim, mas sim porque neste grupo se encontra o maior devedor na atualidade, os Estados Unidos, como podem ver a seguir:

GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DO SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS ESTADOS UNIDOS EM US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Por este gráfico fica claro que a situação dos Estados Unidos estava se tornando insustentável, pois o déficit chegou à barreira dos US\$ 800 bilhões, ou seja, 6% do Produto Interno Bruto em 2006, como bem ressalta Martin Wolf em seu artigo “Como socorrer a economia mundial”. Wolf destaca em seu texto o argumento de John Taylor da Universidade de Stanford, pois para ele a crise de 2008 ocorreu muito devido a

política excessivamente frouxa utilizada pelo Federal Reserve a partir da crise das ponto.com em 2001. (Wolf, 2009)

Para John Taylor a política de juros muito baixos praticada por Alan Greenspan, então presidente do Federal Reserve, fez com que a população americana se endividasse casa vez mais, criando assim a bolha do subprime.

Se observarmos a situação dos sete países mais ricos do mundo juntos veremos que o saldo somado é negativo, porem a Alemanha e o Japão gera cada um, grande superávit em suas transações correntes, o que ajuda a contrabalancear os grandes déficits dos Estados Unidos, veja a seguir esta evolução:

TABELA 4 – OS SALDOS NA CONTA TRANSAÇÃO CORRENTES DOS SETE PAÍSES MAIS RICOS DO MUNDO EM US\$ BILHÕES.

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Canadá	-8,23	-7,66	1,73	19,71	16,21	12,60	10,46	22,93	21,38	17,93	14,53	7,61
França	39,69	39,87	45,33	21,37	24,60	17,95	14,74	12,48	-9,09	-11,56	-25,88	-64,78
Alemanha	-10,01	-16,33	-26,86	-32,56	0,38	40,59	46,29	127,92	143,81	178,84	250,26	235,26
Itália	33,77	19,79	8,21	-5,86	-0,64	-9,48	-19,61	-16,21	-29,43	-48,35	-51,21	-78,81
Japão	96,55	119,07	114,53	119,61	87,79	112,61	136,24	172,07	165,69	170,44	210,97	157,08
Reino Unido	-1,58	-5,27	-35,37	-39,10	-30,39	-28,01	-29,92	-45,64	-59,78	-80,79	-75,48	-46,46
Estados Unidos	-140,40	-213,53	-299,82	-417,43	-398,27	-459,15	-521,53	-631,13	-748,69	-803,55	-726,57	-706,07
Total	9,80	-64,07	-192,25	-334,27	-300,06	-312,90	-363,34	-357,58	-516,11	-577,04	-403,38	-496,17

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Como podemos ver, o déficit é muito grande e este déficit crescente está sendo financiado por alguém. Para Martin Wolf os credores hoje são os países emergentes, os exportadores de petróleo, os países do leste asiático, o Japão e a Alemanha.

Os países em desenvolvimento do leste asiático geram superávits devido à proteção a sua taxa de câmbio, pois necessitam esterilizar boa parte dos dólares que ingressam no país para proteger suas economias e principalmente seu setor exportador. Já os exportadores de petróleo arrecadam muito dinheiro por deterem a fonte primária que movimenta a economia capitalista. Junte-se a isto as altas no preço do petróleo, que chegou a custar US\$ 150/barril em 2008, provocado pela desvalorização do dólar e pelo boom econômico, em especial ocasionado pela Ásia que entre 2002 a 2005 gerou quase que metade da demanda incremental de petróleo no mundo. Já a Alemanha e o Japão geram grandes superávits devido ao comércio

internacional, haja vista que as duas nações são grandes exportadoras. (Wolf, 2008, p.78)

4.2.2 OS PAÍSES EMERGENTES E OS BRICS (CHINA, BRASIL, ÍNDIA E RÚSSIA)

Passaremos a analisar os países emergentes, mais precisamente os BRICs, que correspondem ao Brasil, Rússia, Índia e China, para identificarmos o que Martin Wolf defende, ou seja, os países emergentes se tornaram os grandes credores mundiais.

Na Tabela a baixo demonstramos a evolução dos saldos nas transações correntes destes quatro países, vejamos:

TABELA 5 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS BRICs EM US\$ BILHÕES.

País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	-30,45	-33,42	-25,34	-24,23	-23,22	-7,64	4,18	11,68	13,99	13,64	1,55	-28,19
China	36,96	31,47	15,67	20,52	17,41	35,42	45,88	68,66	160,82	253,27	371,83	426,11
India	-3,00	-6,90	-3,23	-4,60	1,41	7,06	8,77	0,78	-10,29	-9,30	-11,29	-26,62
Russia	0,08	0,22	24,62	46,84	33,94	29,12	35,41	59,51	84,44	94,34	77,01	102,40
Total	3,51	-8,85	11,72	38,53	29,54	63,96	94,24	139,85	248,96	351,95	439,11	473,69

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Na análise destes quatro países, está bem claro que todos passaram a se prevenir e obter superávit no saldo das transações correntes. Veja que apenas o Brasil incorria em déficits até o ano de 2002 e mesmo assim eram pequenos, chegando a ser de apenas 1,5% do Produto Interno Bruto em 2002.

Outro fato relevante que devemos nos ater são os saldos positivos da China e Rússia. São eles que elevam a quantidade total de superávits que este grupo de países em conjunto produz.

A China hoje é a maior detentora de poupança do mundo. Presse, em seu artigo, nos informa que nos cofres chineses se encontram uma montanha de US\$ 2,13 trilhões em reservas internacionais. Esta quantia foi atingida no final de junho de 2009. Este dado foi informado pelo Banco Central Chinês.

Esta quantia nunca foi alcançada por nenhum outro país e é motivo de várias divergências internacionalmente entre economistas e políticos.

Porém isto só foi possível, pois o Banco Central Chinês atua efetivamente comprando o excesso de dólares no mercado, manipulando assim a taxa de câmbio para que ela continue desvalorizada frente ao dólar. Isto faz com que os produtos chineses tenham preços mais baixos internacionalmente.

No Brasil verificamos o contrário. Nosso Banco Central não vem atuando muito no mercado comprando dólares. O reflexo disto é nossa moeda cada vez mais valorizada frente ao dólar, diminuição das exportações, aumento das importações, além de incorrerem em déficits nas transações correntes. Segundo o Banco Central (BACEN) (2009) as nossas reservas internacionais estão em US\$ 236,15 bilhões em 19/11/2009, o que é insignificante em comparação as reservas chinesas.

4.2.3 ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO

Começaremos a tratar neste tópico sobre os países que detêm o combustível da economia mundial. Estes países têm superávits constantes na conta transações correntes devido à grande dependência do mundo por esta matéria-prima. Com ele obtemos combustível, lubrificantes entre outros produtos. Além disto, há o fato desta fonte de recurso natural ser não renovável, por este motivo quanto maior o crescimento econômico maior tende ser o preço do barril devido à lei de oferta e demanda.

Podemos ver os saldos nas transações correntes dos países na tabela a seguir:

TABELA 6 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO EM US\$ BILHÕES.

Países	1.997	1.998	1.999	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005	2.006	2.007	2.008
Argélia	3,45	-0,91	0,02	9,14	7,06	4,36	8,81	11,12	21,18	28,95	30,60	37,08
Angola	-0,88	-1,88	-1,69	0,79	-1,43	-0,15	-0,72	0,69	5,14	11,38	9,40	6,41
Equador	-0,71	-2,17	0,77	0,84	-0,69	-1,19	-0,40	-0,53	0,10	1,62	1,60	1,27
Indonésia	-3,80	4,00	5,75	7,99	6,90	7,82	8,11	1,57	0,28	10,86	10,50	0,28
Iran	2,21	-2,14	6,59	12,50	5,99	3,59	0,82	0,90	16,64	20,40	34,08	22,52
Iraque	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	1,92	80,17	6,32	12,17
Kuwait	7,87	2,22	5,06	14,67	8,33	4,26	9,42	18,17	34,31	50,61	49,96	70,59
Libia	4,12	2,22	4,77	11,39	4,19	0,66	5,26	7,41	17,12	25,18	29,14	36,60
Nigéria	-0,14	-0,14	-0,13	-0,11	-0,09	-0,20	-0,20	-0,21	-0,30	-0,31	-0,33	-0,71
Quatar	-2,03	-1,92	1,55	4,13	4,79	4,25	5,95	7,10	14,10	16,11	21,61	28,64
Arábia Saudita	0,31	-13,15	0,41	14,34	9,37	11,89	28,09	52,10	90,11	99,07	93,45	134,23
Emirados Arabes Unidos	5,15	0,89	0,90	12,14	6,54	3,76	7,59	9,80	24,29	37,08	28,99	41,09
Venezuela	3,73	-4,43	2,11	11,85	1,98	7,60	11,80	15,52	25,53	27,17	20,00	39,20
Total	19,28	-17,41	26,11	99,68	52,94	46,64	84,51	123,62	250,42	408,28	335,32	429,36

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Verificamos que a maioria dos países está com superávit, mas aqui vale fazer dois destaques. Primeiramente destacamos a Arábia Saudita, pois depois do ano de 2001 seu superávit aumentou em mais de 100% até 2008, e segundo ressaltamos que o superávit acumulado dos países exportadores de petróleo é também muito alto, chegando a US\$ 335,32 bilhões em 2007.

Aqui está mais um prova que a economia hoje passa por um desequilíbrio nas transações correntes. Algumas nações estão acumulando saldos recorrentes enquanto outras estão incorrendo em déficits constantes.

Já podemos concluir até o momento que boa parte do fluxo de capital está migrando para os países emergentes e exportadores de petróleo, porém ainda devemos analisar os Tigres Asiáticos e a União Européia.

4.2.4 TIGRES ASIÁTICOS

A expressão “Tigres Asiáticos” é utilizada para identificar os países que obtiveram um grande crescimento econômico e tecnológico entre as décadas de 70 a 90. O termo “Tigre” está relacionado com a forma agressiva e rápida com que conquistaram estas duas façanhas.

Para se alcançar estes objetivos houve investimentos em educação e tecnologia, uma política voltada para exportações, abertura da economia para a entrada de capital estrangeiro e mão-de-obra barata e disciplinada. Todos estes fatores contribuíram para que o capital internacional migrasse para estas nações.

Atualmente as nações que compõem os tigres asiáticos são: Hong Kong, Indonésia, Coreia do sul, Malásia, Filipinas, Cingapura, Taiwan, Tailândia e Vietnã.

Podemos observar que quase todos os países que compõem os tigres asiáticos, com exceção de Vietnã, Filipinas e Coreia do Sul no ano de 2008, se encontram com superávits no saldo nas transações correntes a mais de cinco anos.

TABELA 7 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES NOS TIGRES ASIÁTICOS EM US\$ BILHÕES.

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Hong Kong	-7,73	2,51	10,25	6,99	9,79	12,41	16,47	15,73	20,18	22,94	25,53	30,62
Indonésia	-3,80	4,00	5,75	7,99	6,90	7,82	8,11	1,57	0,28	10,86	10,50	0,28
Coreia do sul	-8,29	40,37	24,52	12,25	8,03	5,39	11,95	28,17	14,98	5,39	5,88	-6,41
Malásia	-5,94	9,53	12,60	8,49	7,29	8,03	13,21	15,08	20,70	25,14	28,67	39,64
Filipinas	-4,33	1,51	-2,87	-2,23	-1,74	-0,28	0,29	1,63	1,98	5,35	7,12	4,23
Cingapura	14,87	18,30	14,36	10,72	11,21	11,54	22,06	19,89	27,47	35,38	39,21	26,98
Taiwan	7,05	3,44	7,99	8,90	18,94	26,36	30,50	19,73	17,58	26,30	32,98	24,89
Tailândia	-3,11	14,29	12,47	9,33	5,11	4,69	4,78	2,77	-7,64	2,17	14,05	-0,18
Vietnã	-1,53	-1,07	1,18	1,11	0,68	-0,60	-1,93	-1,59	-0,56	-0,16	-6,99	-10,71
Total	-12,80	92,87	86,25	63,55	66,21	75,35	105,45	102,97	94,97	133,36	156,93	109,35

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Vale ressaltar que a Indonésia também pertence ao grupo dos países exportadores de petróleo.

Fica claro observando a tabela 7 que após a crise asiática de 1997, que acabou se alastrando para as outras nações em desenvolvimento, os países pertencentes ao grupo dos Tigres Asiáticos, com exceção do Vietnã, se adequaram e passaram a gerar superávits nas transações correntes.

E após a análise das sete nações mais ricas (G7), dos BRICs, dos países exportadores de petróleo e dos Tigres Asiáticos, podemos concluir que o ano de 1997 marca uma mudança para a maioria das nações. Verificamos que após este ano os países pertencentes aos BRICs, ao grupo de países exportadores de petróleo e os pertencentes aos Tigres Asiáticos que incorriam em déficits constantes passaram a ter saldos positivos nas transações correntes ou diminuíram seus déficits, passando a obter superávits após o ajuste, e os países pertencentes a estes grupos que já obtinham superávits passaram a aumentar mais ainda seus saldos positivos.

Por outro lado as nações mais ricas do mundo passaram a incorrer em déficits constantes, e para piorar a situação houve aumento, ano após ano, no valor dos saldos negativos nas transações correntes. Apenas Alemanha, Canadá e Japão reverteram esta onda.

Estes dados nos levam a concluir que os países emergentes aprenderam com os erros do passado e começaram a se prevenir contra as crises. Eles perceberam que se incorresse em déficits constantes, como vinha ocorrendo, acabariam caindo em crise seguidas, o que inviabilizaria seu crescimento econômico.

Sobre os países exportadores de petróleo, seus superávits são resultados do aumento do consumo desta matéria-prima pelos países emergentes, em especial os países asiáticos, e pelos aumentos no preço do barril de petróleo.

Passaremos agora para a análise da União Européia e da Zona do Euro.

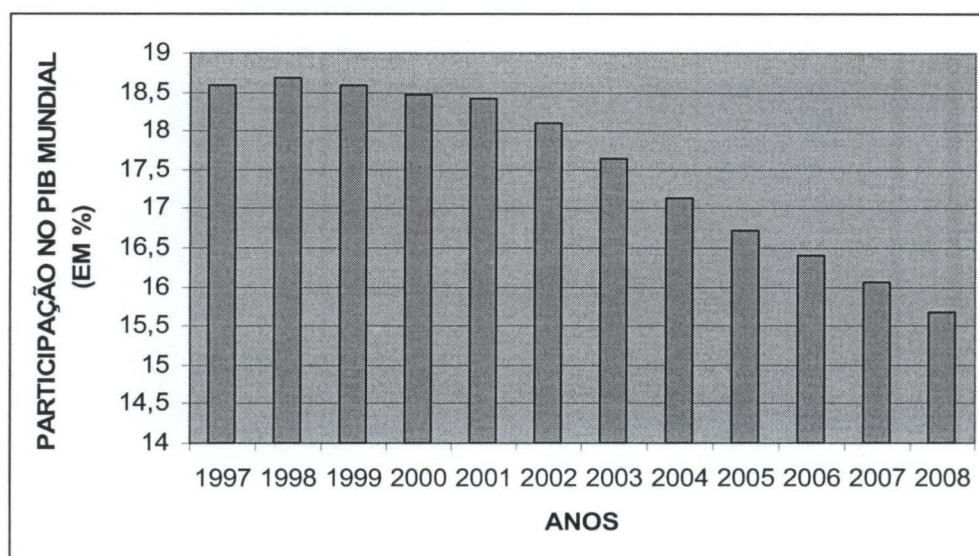
4.2.5 UNIÃO EUROPÉIA E ZONA DO EURO

A União Européia é hoje a maior organização de países e também a mais avançada politicamente. Conta com um Banco Central comum, livre fluxo de pessoa e

de capital, além de uma moeda única, o Euro. Ressaltamos que não são todas as nações pertencentes à União Européia que adotaram o Euro, porém é a maioria e para evitar problemas faremos uma análise tanto da Zona do Euro como da União Européia como um todo. Começaremos pela Zona do Euro.

A Zona do Euro é responsável por mais de 16% do Produto Interno Bruto mundial atualmente é quem rivaliza com os Estados Unidos como potência econômica mundial. Podemos verificar esta afirmação no gráfico abaixo.

GRÁFICO 4 – PARTICIPAÇÃO DA EURO ZONA NO PRODUTO INTERNO BRUTO MUNDIAL EM %.



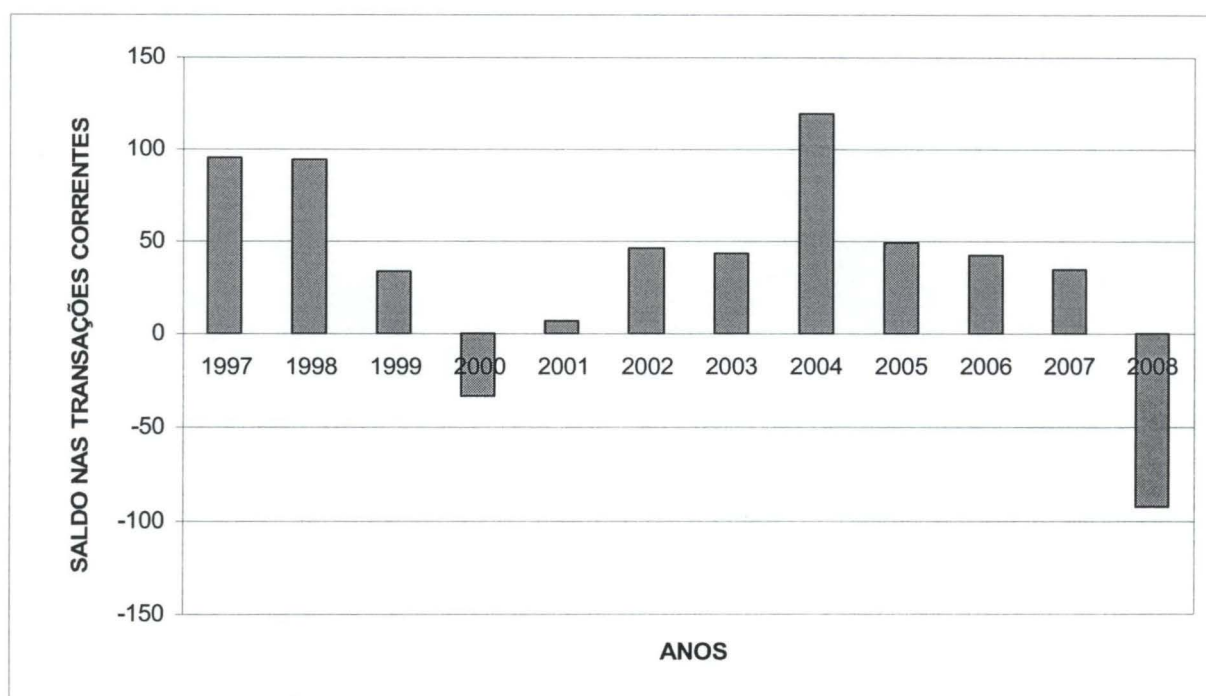
FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Por ser um bloco de países devemos analisar as transações correntes como um todo. Porém ressaltamos que a análise feita nos sete países mais ricos do mundo estará prejudicada, uma vez que dentre as sete nações deste grupo estão três que pertencem a União Européia e também a Zona do Euro, são elas: Alemanha, França e Itália.

A Zona do Euro é composta por dezesseis nações, são elas: Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta, Holanda e Portugal.

Podemos observar no gráfico a seguir que a situação da Zona do Euro é de certo equilíbrio. Hora incorrendo em déficit, hora em superávit e tanto um quanto o outro não é de valores exorbitantes.

GRÁFICO 5 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ZONA DO EURO EM US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

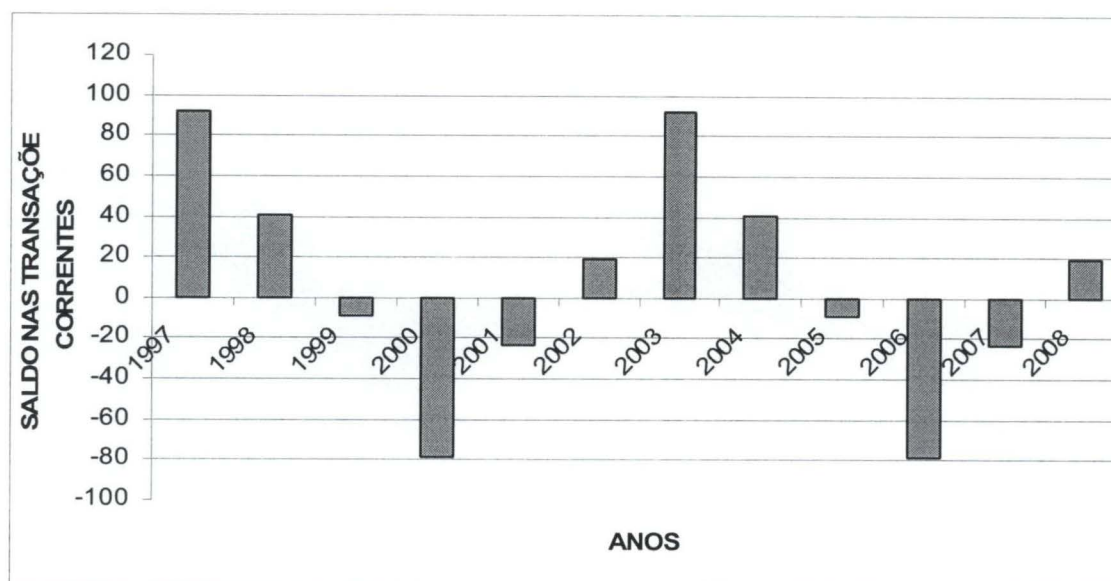
Com estes dados podemos concluir que a Zona do Euro não está incorrendo em superávits abundantes nas transações correntes. Vejamos agora como fica a situação da União Européia.

Compõem a União Européia todos os países pertencentes a Zona do Euro mais a Bulgária, Dinamarca, Estónia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polónia, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia.

Mais uma vez destacamos que a análise do grupo dos sete países mais ricos do mundo fica novamente prejudicada, pois aqui também incluímos o Reino Unido, ou seja, das sete nações mais ricas do mundo quatro pertencem à União Européia.

Verificamos que quando analisamos a União Europeia como um todo, notamos que a situação não é tão semelhante à Zona do Euro. A União Europeia como um todo incorre em superávits menores e déficits maiores se comparados e Euro Zona. Vejamos no gráfico a seguir:

GRÁFICO 6 - SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA UNIÃO EUROPEIA E, US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Isto se deve em grande parte ao Reino Unido que vem incorrendo em déficits crescentes desde 1997, como podemos ver na tabela 8:

TABELA 8 – SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DO REINO UNIDO EM US\$ BILHÕES.

País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Reino Unido	-1,58	-5,27	-35,37	-39,10	-30,39	-28,01	-29,92	-45,64	-59,78	-80,79	-75,48	-46,46

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Porém, mesmo com os déficits do Reino Unido a União Europeia vem ao longo dos anos com saldos próximo do equilíbrio, haja vista que a Alemanha vem obtendo grandes superávits nas transações correntes, ou seja, os déficits do Reino Unido

acabam sendo compensados com os superávits da Alemanha, como verificamos na tabela seguinte.

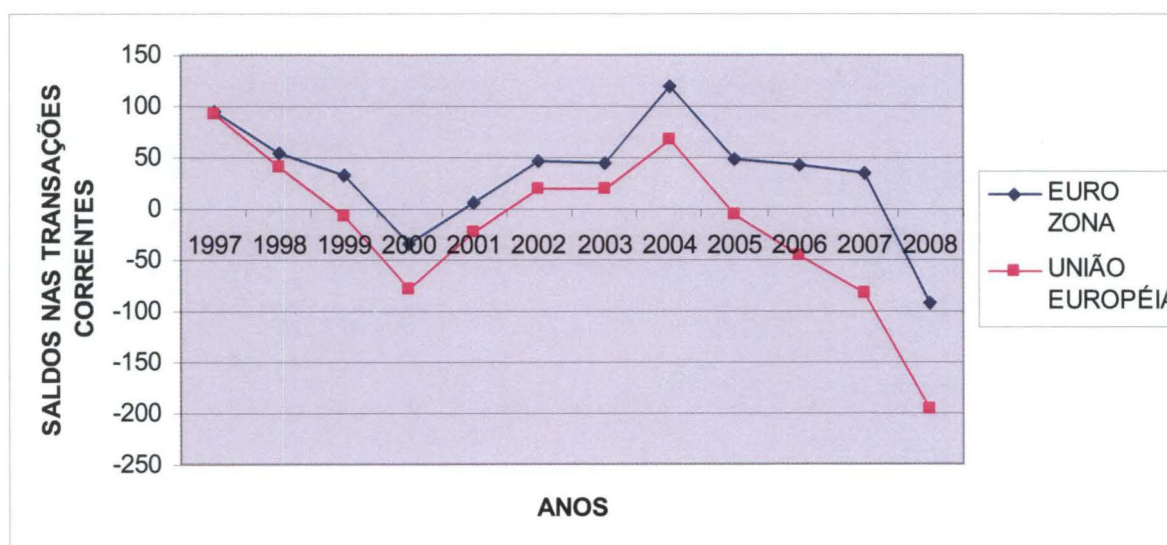
TABELA 9 - SALDO NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ALEMANHA EM US\$ BILHÕES.

País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Alemanha	-10,01	-16,33	-26,86	-32,56	0,38	40,59	46,29	127,92	143,81	178,84	250,26	235,26

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Concluimos que a União Europeia como um todo não está tendo superávits nem déficits exorbitantes, com exceção do ano de 2008, como podemos ver no gráfico a seguir:

GRÁFICO 7 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES DA ZONA DO EURO E UNIÃO EUROPÉIA EM US\$ BILHÕES.



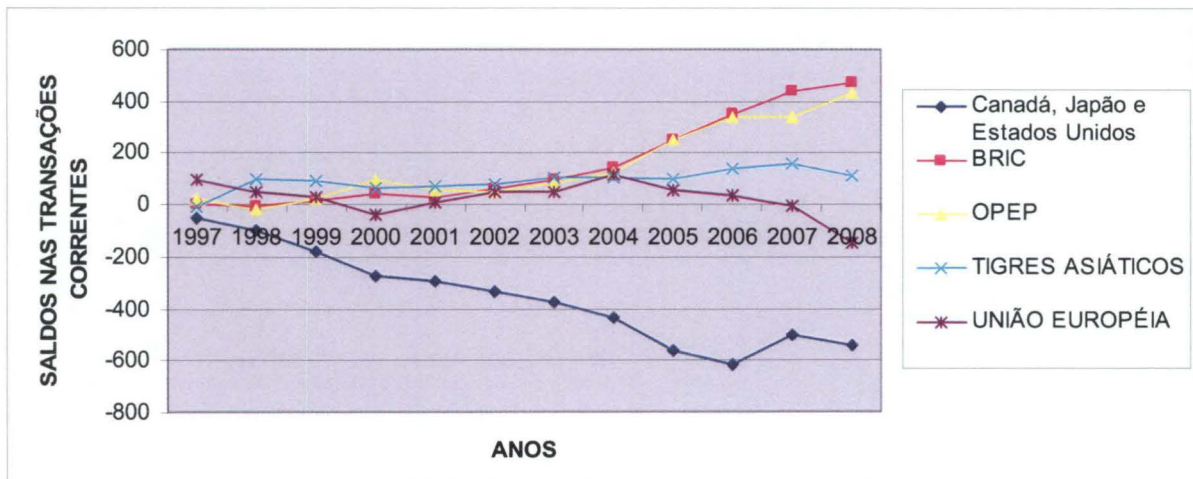
FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Após esta análise segmentada, podemos tirar mais algumas conclusões. Verificamos que alguns blocos de países estão gerando grandes superávits nas transações correntes, são eles: BRICs, exportadores de petróleo e Tigres Asiáticos. A

União Europeia está quase que em equilíbrio, caindo em déficit no ano de 2008, e o grupo dos sete países mais ricos do mundo são deficitários.

Porém não podemos analisar o grupo dos 7 países como um todo, pois quatro nações deste grupo estão inseridas na união Europeia, por este motivo analisaremos a situação das três nações restantes com os BRICs, exportadores de petróleo, Tigres Asiáticos e a União Europeia, como mostra o gráfico a seguir:

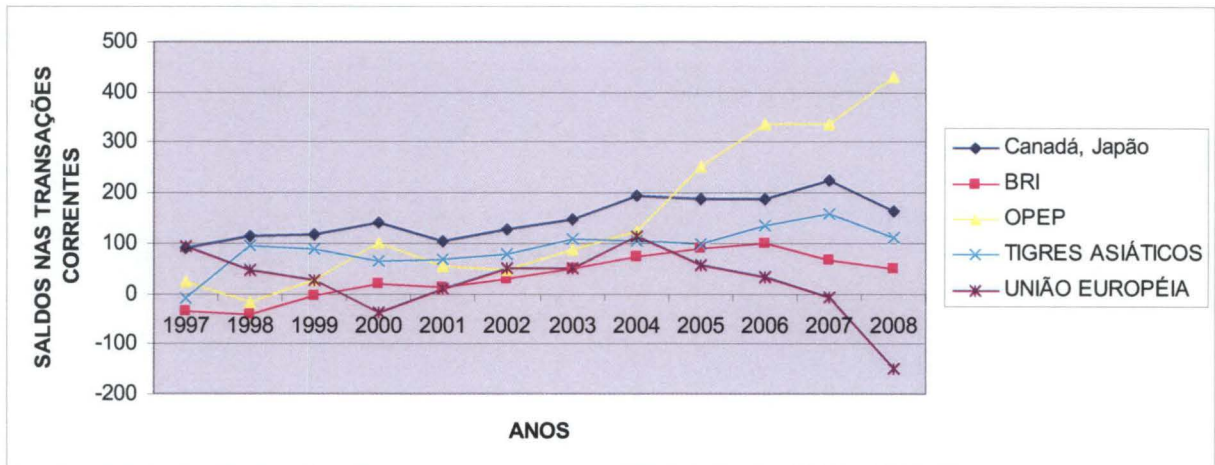
GRÁFICO 8 – PRINCIPAIS REGIÕES E OS DESEQUILÍBRIOS DO BP: BRIC, EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS, UNIÃO EUROPEIA E O G7, EXCLUINDO OS PAÍSES PERTENCENTES À UNIÃO EUROPEIA EM US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Com este gráfico verificamos mais claramente os saldos positivos e negativos dos blocos de países analisados, mas podemos nos aprofundar ainda mais nesta questão. Vejamos no próximo gráfico como fica a distribuição dos saldos quando retiramos os Estados Unidos e a China de nossa análise.

GRÁFICO 9 - BRI, EXPORTADORES DE PETRÓLEO, TIGRES ASIÁTICOS, UNIÃO EUROPÉIA E O G7 EXCLUINDO OS PAÍSES PERTENCENTES À UNIÃO EUROPÉIA, OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA EM US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Verificamos claramente que sem os Estados Unidos e a China os saldos acumulados dos BRICs caem drasticamente e que Canadá e Japão ficam superavitários. Realizamos está ressalva, pois afunilaremos nosso trabalho nestes dois países, haja vista que estamos falando do maior devedor e do maior credor do mundo, Estados Unidos e China respectivamente.

Passaremos agora ao ponto central do trabalho.

5 O G2 (ESTADOS UNIDOS E CHINA)

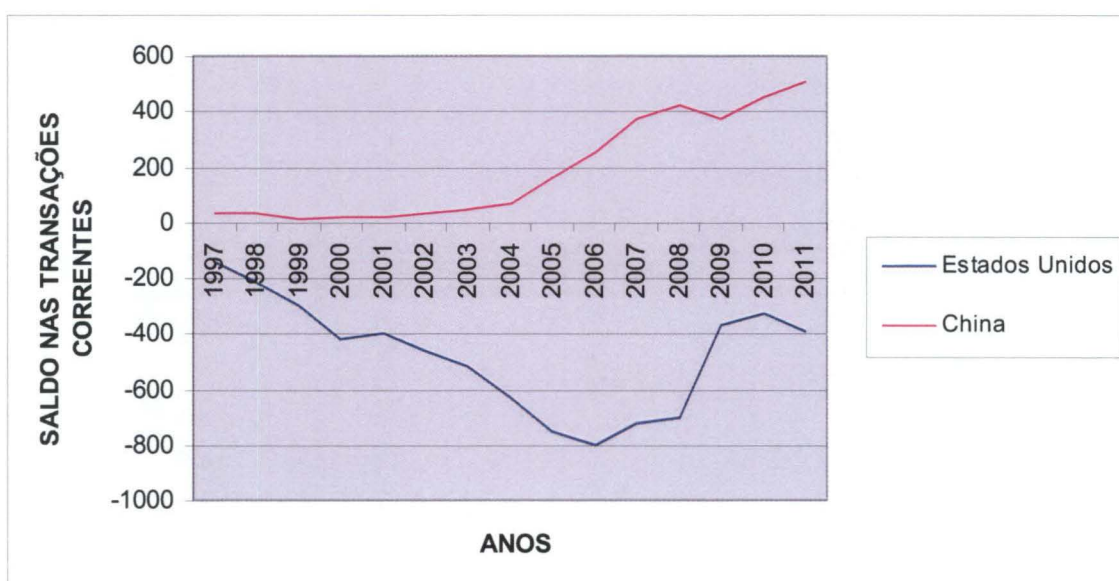
Podemos dizer que atualmente estas duas nações andam juntas economicamente. Os dois países mantêm uma relação comercial de mais de US\$ 400 bilhões, como mencionado por Isabel Fleck em matéria do Correio Braziliense.

A China possui a maior quantidade de reservas cambiais do mundo, boa parte em dólares, e está muito preocupada com a desvalorização do dólar.

Não é mais possível se falar em políticas econômicas conjuntas entre nações sem os dois países presentes.

Fica evidente no gráfico a seguir como os déficits e os superávits de ambos os países andam juntos, porém em direção opostas, vejamos:

GRÁFICO 10 – SALDOS NAS TRANSAÇÕES CORRENTES ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA EM US\$ BILHÕES.



FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

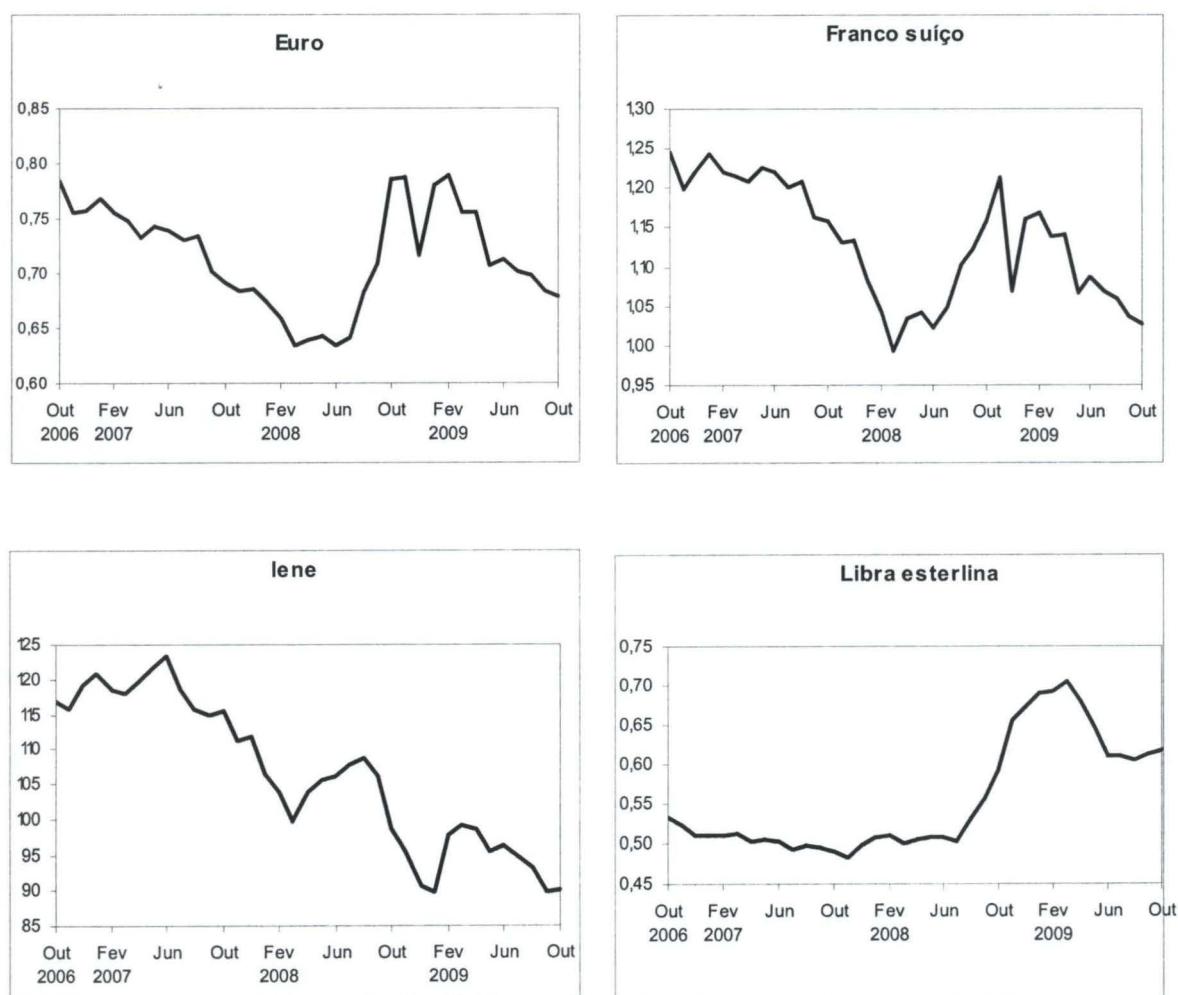
Fica claro que, para superarmos a crise mundial de 2008 estas duas nações devem entrar em consenso em vários pontos. Primeiramente como reverter estas disparidades nos saldos nas transações correntes, haja vista que eles são grandes parceiros comerciais.

Pensando no gráfico 1 exposto em nosso referencial de análise a China se encontraria hoje na região de superávit excessivo nas transações correntes e subemprego, ou seja, não há pressões inflacionárias, e estaria acima do ponto de equilíbrio, que se localiza no ponto 1.

Porém, a entrada maciça de capital na China deveria fazer com que o yuan se valorizasse frente ao dólar e a tendência de superávits excessivos se revertesse. Mas não é o que vem ocorrendo.

O dólar, ao longo da primeira década dos anos 2000 vem perdendo valor frente à maioria das moedas no mundo fruto da política de expansão monetária iniciada após a crise de 2001, apenas voltando a se recuperar na crise de 2008, voltando a se desvalorizar no começo do ano de 2009 com a recuperação dos países, principalmente os emergentes. Podemos observar esta tendência se compararmos o dólar com algumas moedas internacionais, como por exemplo, o Euro, o Franco Suíço, o Iene e a Libra Esterlina. Veja no gráfico seguinte.

GRÁFICO 11 – TAXA DE CÂMBIO CONTRA O DÓLAR AMERICANO.



FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL

O contraste é que a China também vem tendo sua moeda desvalorizada ao longo do mesmo período. Isto vem ocorrendo porque há um atrelamento entre a moeda

chinesa e a americana, ou seja, se o dólar se desvaloriza o Yuan também é desvalorizado para que se continue o processo de crescimento econômico por indução as exportações. (Wolf, 2008, p.168)

O governo chinês utiliza o câmbio com uma forma de se promover o crescimento econômico através do incentivo às exportações, ou seja, se desvaloriza a moeda local tornando o produto local mais barato frente ao estrangeiro. Com isto há um forte estímulo para que se destine a produção para o mercado exterior, gerando mais empregos localmente e aquecendo a economia do país.

Scatolin e Pereima, da Universidade Federal do Paraná, ressaltam muito bem este ponto no jornal Valor Econômico na matéria “Política cambial e estratégia de desenvolvimento”, quando analisam como as taxas de câmbio são utilizadas pelos países em desenvolvimento como forma de se conquistar mais mercados e estimular suas economias, além disto, levantam a questão sobre não deixar a taxa de câmbio nominal “flutuar ao sabor dos movimentos de capitais especulativos”, pois isto poderia levar o país a constantes crises a qualquer sinal de pânico.

A China se utiliza desta política para crescer economicamente e não está disposta a abandoná-la e isto nos faz concluir que atualmente não existe câmbio flutuante, mas sim câmbio falsamente flutuante, havendo intervenção das nações no câmbio visando estimular o crescimento econômico e se proteger de eventuais crises.

O problema da continuidade desta política por parte do governo chinês é que o acúmulo de reservas por parte da China continuará crescendo, devido a constantes e crescentes saldos positivos nas transações correntes, porém, como podemos ver, não será mais a custas dos Estados Unidos.

Fizemos questão de introduzir em nosso gráfico 10 resultados de 2009, 2010 e 2011, estimadas pelo Fundo Monetário Internacional, pois podemos identificar que os Estados Unidos, devido a crise, farão seus ajustes nos saldos nas transações correntes, diminuindo seus déficits, porém os chineses não demonstram que mudarão sua estratégia de crescimento que vem dando certo até agora. Isto nos leva a crer que outros países passarão a incorrer em déficits constantes para suprir a abundância de poupança da China e diminuição do consumo dos Estados Unidos. Este fato pode levar o mundo a novas crises devido problemas nas transações correntes de outras nações.

Para se ter uma idéia melhor basta olhar as estimativas do Fundo Monetário Internacional para o mesmo período para a África do Sul, Austrália, Brasil, Índia e México.

TABELA 10 – ESTIMATIVAS NOS SALDOS DAS TRANSAÇÕES CORRENTES EM US\$ BILHÕES.

Países	2007	2008	2009	2010	2011
Austrália	-57,305	-46,605	-29,89	-54,743	-67,616
Brasil	1,551	-28,192	-18,8	-33,26	-32,766
China	371,833	426,107	371,504	451,177	507,594
Índia	-11,285	-26,621	-27,491	-33,628	-34,443
México	-8,331	-15,725	-10,764	-12,671	-14,957
África do Sul	-20,707	-20,499	-13,762	-18,737	-20,315
Estados Unidos	-726,572	-706,068	-369,787	-324,7	-393,598

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Veja como estes países incorrem em déficits crescentes e em todos os anos enquanto que os Estados Unidos vem reduzindo seus déficits, ou seja, se a China não se ajustar com a nova realidade macroeconômica global viveremos uma era de crises mundiais, apenas mudando o local onde a bolha estourará.

Martin Wolf destaca em seu livro *A Reconstrução do Sistema Financeiro Global* que além do ajuste nas transações correntes dos Estados Unidos, a China também deve se ajustar. Primeiramente deixando sua moeda se valorizar frente ao dólar, porém sempre controlando a inflação. Segundo, estimulando o consumo interno incentivando o investimento, procurando aumentar os incentivos das famílias a aumentarem seus gastos e aumentar também os gastos do governo. Junte-se a isto uma melhor distribuição de renda com inclusão de mais pessoas nas classes C e B. Isto levaria a China a aumentar sua demanda interna.

Para completar, a China também deveria liberalizar gradualmente o fluxo de saída de capital junto com uma liberalização acelerada das importações. Todas estas medidas levariam o país a diminuir os saldos nas transações correntes, além de ocasionar uma reversão do fluxo de capital para países deficitários. (Wolf, 2008, p.173)

As atitudes a serem tomadas são de conhecimento dos dois países, mas há um grande abismo entre saber o que fazer e fazer o que tem que ser feito. Aqui, mais que

fazer o que é correto para o bem de todos, entra o fato que estes dois países pretendem fazer o que é melhor para si.

Não podemos deixar de citar que há uma grande preocupação por parte dos chineses com relação à política econômica adotada pelos Estados Unidos. Como a China possui a maior reserva internacional em dólares, devido à esterilização usada pelo governo para manter sua moeda desvalorizada, qualquer atitude tomada pelo governo americano ou pelo Federal Reserve que leve a moeda americana a se desvalorizar, faz com que as reservas chinesas também se desvalorizem, ou seja, não há como os países se desvencilharem.

Isto tudo nos leva a crer que para que voltemos a um novo período de crescimento econômico mundial e sem crises sistêmicas estas duas nações terão que se acertarem estipulando metas macroeconômicas conjuntas. Só assim os problemas serão resolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os apontamentos feitos podemos concluir que a crise de 2008 é fruto das mudanças macroeconômicas tomadas pelos países após 1997, quando há a mudança de atitude dos países em desenvolvimento. Estes países passaram de devedores para credores. Para isto se utilizaram da taxa de câmbio para manter suas moedas desvalorizadas frente ao dólar e assim estimular suas exportações e consequentemente suas economias.

Junto a esta mudança de atitude dos países em desenvolvimento ressaltamos o aumento do consumo dos países desenvolvidos, dando maior destaque para os Estados Unidos que se tornaram no maior devedor do mundo e mesmo tendo a maior economia do planeta não puderam escapar da crise de 2008. Crise esta que se inicia dentro do seu próprio país e colocou em cheque a hegemonia econômica americana.

A crise de 2008 nos mostrou que estes desequilíbrios nos saldos das transações correntes não é benéfico para a economia mundial. As disparidades existentes nos saldos entre Estado Unidos e China devem diminuir, haja vista que os dois países são grandes parceiros comerciais.

Por ultimo, está claro que para solucionar os problemas que levaram a crise se faz necessário um acordo global e não mais um acordo entre as sete maiores economias do mundo, e mais do que isto, é necessário que China e Estados Unidos estabeleçam diretrizes para que o problema dos saldos negativos recorrentes e crescentes que os Estados Unidos passaram, não seja transferido para outras nações. Assim poderemos voltar a ter no mundo um período de crescimento econômico que envolva a grande maioria das nações sem incorrer em crises mundiais.

REFERÊNCIAS

Blanchard, Olivier. **Macroeconomia**. 4º Ed. São Paulo, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Fleck, I. Relação entre China e Estados Unidos terá muitos obstáculos, dizem especialistas. Disponível em: <<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2009/11/17/mundo,i=155146/REL+ACAO+ENTRE+CHINA+E+EUA+TERA+MUITOS+OBSTACULOS+DIZEM+ESPECIALISTAS.shtml>>. Acesso em 24/11/2009.

Krugman, P. R.; Obstfeld, M. **Economia Internacional**. 6º Ed. São Paulo, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

Kindleberger, C. P. **Manias, Pânicos e Crashes: Um Histórico das Crises Financeiras**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Presse, F. Reservas internacionais da China atingem US\$ 2,13 trilhões. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1230275-9356,00-RESERVAS+INTERNACIONAIS+DA+CHINA+ATINGEM+US+TRILHOES.html>. Acesso em: 21/11/2009.

Salvatore, D. **Economia Internacional**. 6º Ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: LTC, 2000.

Scatolin, F. D.; Pereina, J. B. Política cambial e estratégia de desenvolvimento. Disponível em: < <http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaao/96/5836246/politica-cambial-e-estrategia-de-desenvolvimento>>. Acesso em: 01/12/2009.

Strange, S. **Mad Money**. Manchester, United Kingdom: Manchester University Press, 1998.

Wolf, M. **A Reconstrução do Sistema Financeiro Global**. 2º Ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Campus, 2009.

Wolf, M. Porque a China precisa se esforçar. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaio/96/5832146/por-que-a-china-precisa-se-esforçar>>. Acesso em: 20/11/2009.

Wolf, M. Bretton Woods II: vital e difícilimo. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaio/96/5247616/bretton-woods-ii-vital-e-dificilimo>>. Acesso em: 09/11/2009.

Wolf, M. Interessa a Pequim ajudar Geithner. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaio/96/5614908/interessa-a-pequim-ajudar-geithner>>. Acesso em: 09/11/2009.

Wolf, M. Como socorrer a economia mundial. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaio/96/4526571/como-socorrer-a-economia-mundial>>. Acesso em: 11/10/2009.

Wolf, M. Como reagir aos superávits da China. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/?impresso/opiniaio/96/4341898/como-reagir-aos-superavits-da-china>>. Acesso em: 26/7/2009.